

A BORBOLETA

AOS NOSSOS LEITORES

Não nos foi possível receber a tempo de ser publicado hoje — como do coração desejavamos — um artigo do exc.^{mo} Marquez de Vallada, illustre governador civil do nosso districto, e um dos membros distinctos do jornalismo nacional.

Contamos publical-o dentro em breve, e seguil-o d'outras lucubrações do nobre Marquez, cuja collaboração nos honra a nossa *Borboleta*.

DIAS FREITAS.

ESTATUTOS

DO

Centro Archeologico Portuguez

O nosso antigo mestre e constante collaborador, dr. Pereira-Caldas, projecta organisar no dia da *Conferencia Archeologica da Citania* um *Centro Archeologico Portuguez*.

Formulou para isso um *Projecto d'Estatutos*, de que devemos á sua provada amizade o podermos dar cópia aos nossos leitores.

Eis-aqui o transumpto respectivo, á cerca de cujo elevado alcance nada expenderemos n'esta occasião.

DIAS FREITAS.

ARTIGO I. — O *Centro Archeologico Portuguez*, inaugurado em 9 de Junho de 1877, commemora a *Conferencia Archeologica da Citania de Briteiros* no concelho de Guimarães — a primeira iniciada em Portugal, e prefixada para 8 d'Abril de 1877, sem permittir o mau tempo a sua celebração.

ARTIGO II. — O alvo geral d'esta instituição é iniciar, dirigir, e aconselhar as excavações archeologicas em nosso paiz — solicitando para isso dos poderes publicos, e de pessoas particulares, os auxilios e as influencias d'opportunidade; e formulando egualmente para isso os *Regulamentos* indispensaveis.

ARTIGO III. — Terá esta instituição um Presidente e um Vice-Presidente Protectores, e um Presidente e um Vice-Presidente Honorarios; com um Presidente e um Vice-Presidente Effectivos, assim nas cidades e villas do nosso paiz — recommenda-

veis pela sua importancia social, e memoraveis pelas suas reliquias archeologicas — como ainda em localidades particulares em circumstancias analogas.

§ UNICO. — O explorador illustrado e indefesso das ruinas da Citania de Briteiros, *Francisco Martins de Moraes Sarmiento*, será *Presidente Benemerito* do *Centro Archeologico Portuguez*, com as honras de *presidencia* nas reuniões de membros da mesma instituição.

ARTIGO IV. — Juncto de cada Presidente e Vice-Presidente Effectivos, haverá um Secretario e um Vice-Secretario, em condições mutuas de convívio estudioso.

ARTIGO V. — As nomeações d'estes funcionarios do *Centro Archeologico Portuguez* — em homenagem á solemnidade do dia da sua inauguração auspiciosa — serão feitas d'entre os conferentes presentes nas ruinas da Citania, podendo apenas ser escolhidos fóra d'elles os vice-funcionarios.

§ UNICO. — O Presidente e o Vice-Presidente Protectores serão o Rei e o Ministro do reino; e o Presidente e o Vice-Presidente Honorarios, o Governador civil do districto e o Director das obras publicas respectivas.

Sua Magestade el-rei D. Fernando — amador illustrado de provado patriotismo — será Presidente Protector Honorario.

ARTIGO VI. — Os Presidentes e Vice-Presidentes Effectivos — em ordem a promover e dessiminar o gosto das excavações archeologicas — agremiarão a si os cultores e os amadores d'esta ordem de trabalhos, com a designação de membros auxiliares.

ARTIGO VII. — Os membros do *Centro Archeologico Portuguez* — incetadas que sejam nos seus districtos algumas excavações archeologicas — promoverão para logo a sua publicidade nos jornaes locaes, ou que mais proximos lhes sejam: — e sem demora farão remetter d'umas Presidencias ás outras os mesmos jornaes.

ARTIGO VIII. — Empregarão os membros d'esta instituição a sua assiduidade para que não se extraviem os objectos achados nas excavações archeologicas, e sejam por isso archivados com segurança e fidelidade, onde possam ser estudados opportunamente.

ARTIGO IX. — Aos membros d'esta instituição auspiciosa — creada em territorios

(Pag. 105)

do berço da monarchia portugueza — conferir-se-hão *Diplomas* da sua cathegoria, á similhaça dos conferidos usualmente aos membros dos *Congressos*—com as insignias do brazão municipal da Camara de Guimaraes, pendentes em forma conveniente.

ARTIGO X. — Conferirá esta distincção honorifica o *Presidente Benemerito Martins Sarmiento*, rubricando com elle os *Diplomas* o *Presidente Effectivo* da capital do districto, onde o mesmo *Presidente Benemerito* se achar n'essa occasião.

§ UNICO. — Registrar-se-hão na Presidencia d'essa capital do districto os *Diplomas* conferidos:— e no dia anniversario da inauguração do *Centro Archeologico Portuguez*, publicar-se-hão nos jornaes da mesma capital os nomes dos agraciados — communicando-se depois d'umas Presidencias ás outras.

ARTIGO XI. — Os membros do *Centro Archeologico Portuguez* — em testemunho de confraternidade litteraria — communicarão sempre uns aos outros, por meio das Presidencias respectivas, as noticias dos estudos archeologicos d'importancia — advindas em quaesquer occasiões ao seu conhecimento.

ARTIGO XII. — Em quaesquer occorrenças imprevistas, accordarão entre si os membros d'esta instituição—dentro do ambito das suas localidades, e na esphera das suas attribuições—o que fór d'utilidade e conveniencia para a mesma instituição.

—19 d'Abril de 1877—

Como Iniciador do Centro Archeologico Portuguez — em complementação da Conferencia Archeologica da Citania de Britteiros

O PROFESSOR

José Joaquim da Silva Pereira-Caldas

do Lyceu Nacional de Braga—preleccionador de Mathematicas elementares e de Lingua alleman.

A CASTIDADE

(*A F. de Menezes*)

Um dia instei contigo que me desses, como prova do teu amor por mim, todas as castas flores que tivesses da tua alma no flórido jardim,

Tu eras muito livre então... e emfim podias ter cedido, se quizesse; — mas ficaste valendo mais assim do que se porventura me cedesses!

Afugentaste as sombras, alvorada; e respeitaste essa virtude antiga por nós, em nossas mães tão respeitada!

Que importa, pois, que o mal tente e persiga? — a virtude é a aureola immaculada... e tu és uma santa rapariga!

Lisboa.

CHRISTOVAM AYRES.

VAI CHEGAR!

Não sei musica, nem conheço as notas, e, segundo Heine, não tenho pena; porque a musica impressiona-me profundamente. E' impossivel o phantasiar se, ouvindo trechos de Bellini ou Chopin, o espirito se prende nas minucias da execução, se irrita com o descuido d'um executante.

A's vezes apossa-se de mim um vago scismar, uma deliciosa *reverie*; e isto quer ouvindo ao longe nos outeiros a flauta do pastor, quer n'um salão a suave melodia do violoncello. Sonhos, ideas, enlevos a succederem-se; imagens, paysagens a surgirem, a esvairerem-se. Nada como o *Désert* de F. David, a «Ave-Maria» de Gounod, as *sonaten* de Beethoven, ou o ultimo pensamento de Weber. Povoam-se-me o cerebro de maravilhosas visões; as palpebras cerram-se em singular volupia; e surgem as vastas extensões, as sagradas florestas em solemne rumor; os castellos em ruinas apparecem remojados, rangem as pontes levadiças, passam a galope troços de cavalleiros, ouço o gemer dos orgãos nas mysteriosas naves.

No *Désert* ouço até a canção prolongada do guia da caravana, deixando oscilar o corpo no balanço do camello, atravez o areal abrazador; e vejo as fôrmas esveltas das palmeiras a projectarem-se no horisonte afogueado, e á noite, junto do poço do *oasis*, escuto o *raconto* dramatico do arabe.

Ha dias ouvi dizer no violoncello um trecho de Mendelssohn, e interpretei-o a meu modo.

N'um jardim um caramanchão de murta e baunilha.

Estavam alli tres mulheres, tres irmãs, lindas, singelamente vestidas. Esposa a mais velha, duas solteiras. Entretinham-se cosendo, bordando graciosas feminilidades; rosetas d'um pequeno travesseiro, cortinas de berço cheias de rendas, delicados *crochets*. A que era já esposa tinha um ar angelico, nos labios afflorava-lhe gentil sorriso, nas faces variava a côr desde o rosado vivo á pallidez carminada da rosa chá. As tres irmãs trocavam entre si breves phrases, poucas sobre os trabalhos, muitas sobre o que estava para chegar.

Discussões, deliciosas discussões! Será elle, será ella: Hade chamar-se Carlos ou Arthur, Bertha ou Leonor?

N'isto aproximou-se o marido, depoz o chapéu sobre a meza de cortiça, e beijou a testa da esposa.

—Que trabalhos! que actividade!

—Então, é tempo, é, disse ella, vai chegar, vai chegar! E os olhares confundiram-se em divinas esperanças.

* * *

—Mais um! murmurava pobre mulher lavando a sua roupa nas claras aguas da ribeira.

Havia alli um grupo de salgueiros; os medronheiros formavam viçoso maciço; das aguas saham as delgadas folhas das espadanas, ramalhetes de lyrios amarellos; moitas de pionias pela margem, grandes cordões de hera pendentes dos ramos; na espessura das balsas cantavam as aves, trinavam os rouxinões,—lyricos namorados.

Vai chegar! murmurava ella: e no rosto pintava-se profunda tristeza.

Fôra formosa, mas os frios das inverneiras, as geadas das madrugadas, os ardentés soes do estio haviam-lhe enrugado e escurecido a pelle. Junto d'ella uma criança brincava, e mais distante outra já maior espreitava pelas moitas tentando enxergar os ninhos das cotovias ou dos verdelhões.

—Mais um! murmurava a pobre: que ha de ser de nós, rodeados de filhos! E mata-se a gente a creal-os para os ver desaparecer depois! Tanta desgraça! Queira Deus ao menos que não aconteça com os meus, o que tem acontecido com os filhos de minha irmã. Lá foi agora um para soldado, o que mais trabalhava, o que por assim dizer, sustentava a mãe; e depois, se voltam, não parecem os mes-

mos. Vêem acostumados ás cidades, e a nossa pobre vida parece-lhes miseravel; até, Deus me perdõe, parece* que perdem o amor aos paes! Se elle nem chega para o pão de cada dia! E outro tenta-se, quer ser rico por força, abandona tudo e todos e vai, mar fóra, para o Brazil, e quasi sempre lá morre, sósinho, miseravel,—quem sabe se sem sepultura!

E se é rapariga? Confia a gente em que tem alli a ajuda dos dias de velhice, e as mais das vezes perde-as; casam-se, vão para longe, e só de annos a annos n'uma feira, n'uma romaria, se tornam a topar! E se ellas sahem loucas, se um dia o demonio as tenta, se perdem a cabeça...—E a mulher parou por um pouco na sua lide a fitar vagamente as grandes petalas amarellas dos lyros levadas pela corrente,

—Triste sorte! murmurava ella pouco depois, subindo vagarosamente a vereda do casal; um filho ao collo, outro pela mão, e a grande trouxa de roupa á cabeça.

—Vai chegar-te mais um irmão! murmurava ainda assentando-se no poial da porta, e apertando ao seio o mais pequeno dos filhos. Vai chegar, e Deus nos ampare! Agora mal chega para o pão de cada dia!

—Maldição! rugiu ella, hirta, as feições transtornadas pela angustia, os dentes rangendo. Maldição!

Era uma rapariga, de dezeseis primaveras, esvelta, mimosa, linda. Agora estava pallida como a morte; estorcia-se como a cobra ferida. Sentia estalar o coração; a mente fervia, os nervos crispavam-se, o pulsar das arterias parecia-lhe o bater de martellos.

—Maldição! Estou perdida! E tão devairada estava que rasgou em tiras o lenço que lhe encobria o seio e soltou as tranças, formosos tranças de negros cabellos.

Havia dias, semanas, mezes que embalde esperava novas d'elle. Na despedida dera-lhe um annel de ouro, promettera-lhe voltar em breve, e levar-a logo ao altar. Mas um marinheiro não pode dizer quando volta. Pouco depois da partida ouviu ella uma triste nova: o navio perdera-se nos cachopos da Mancha, funebre sumidouro de homens,—perdido o navio, perdida a tripulação. Não acreditou; parecia impossivel tamanha desgraça; impossivel que Deus se não amerceas-

se d'elle; que ao menos o não tivesse salvado.

Novas, nenhuma; e á proporção que se lhe esvaia a esperança de tornar a vel-o, cresciam-lhe os receios, terriveis receios!

—Maldição! bradou ella n'aquelle dia: nada posso occultar já! Elle morreu, nada me salvará. Deshonrada... que dirá minha mãe, minha familia! Cedi, cedi, mas eu não sou peccadora; não, não pequei! Cedi, vendo-o a chorar na partida, quando misturavamos as nossas lagrimas, os nossos beijos, quando não tínhamos força para nos desabraçarmos. Meu Deus! valei-me! E ella sahíu louca, tonta, em desalinho.

—Onde vais? perguntaram-lhe uns marinheiros.

—Ah! ainda bem que os encontro; vocês conheciam-no, sabem alguma cousa de Pedro?

—Pobre rapariga! a estas horas só te podem responder os polvos e os caranguejos da Mancha.

Ella correu, correu, parou na estremidade da ponte. O mar estava revoltado, o vento vinha em rajadas franjando as cabelleiras das vagas. Um marulhar immenso. Ao longe troava a tempestade, e de vez em quando os relampagos rasgando pelo ceo escurissimo mostravam castellos e castellos de nuvens pardacentas. Ella olhava louca as revoltas escuridões do ar e das aguas.

—Pedro! Pedro! bradava ella; não volta, morreu! nunca mais o verei! E minha mãe... nada lhe posso já esconder, nada! Mas elle hade vir, não póde tardar; mas eu vejo-o, é elle, é elle! E estendia os braços para o mar como para abraçar a estranha visão. Então soltou uma risada vibrante, argentina, terrivel; o despedaçar d'um cerebro, o rasgar d'um coração; e louca, lindissima, o seio, os braços nus, os cabellos soltos; abeirou-se como que fascinada da extremidade da ponte... e sumiu-se na voragem. Algumas bolhas de ar vieram umas apoz outras desfazer-se na superficie das aguas. Por toda a parte as ondas lutavam em surdo rumor, e ao longe, de vez em quando, soava a trovoadá.

Evora.

GABRIEL PEREIRA.

OS SEUS BRAÇOS

(d'après nature)

Deixa que o rosto, Aurora, um pouco se recline
Na tua mão, de leve...

Resvallam no teu braço as rendas de *Mallines*,
Como flôres de neve!

E que ideal contorno! E que ideal brancura!
Caindo uma por uma!...

Só se compara a ti, nos moldes da esculptura
—Se um lampejo d'amor a face te desmaia—
A Venus Aphrodite, a sacudir a espuma,
Poisando, nua, os pés, nos areiaes da praia!

Que nada mais seduz

Do que os teus braços, cré, se os vejos quasi nus!
Pois que, basta-me vel-os

Para ficar perdido!

E os tremulos cabellos,
Se ás vezes t'os desnastro,

E cobrem, como um veo, as costas semi-nuas!...

Ai! que os teus braços nus parecem como duas
Serpentes d'alabastro!

ALBERTO BRAGA.

QUADROS DO CAMPO

II

Em caprichosas curvas segue a estrada,
Cortando campos de cevada ondeante,
Extensos prados d'herva verdejante,
E a planície d'aldeia socegada.

Uma recurva ponte esburacada,
Esquecida, talvez, pela elegante,
Deixa passar a branda, sussurrante,
Lisa corrente d'agua prateada.

Lavam roupa d'um lado as lavadeiras,
Em quanto dois marrecoes vão boiando,
Em mergulhos, quaes naus muito ligeiras.

As borboletas, no ar, andam brincando,
Ouvem-se ao longe umas canções fagueiras
D'alguem que sonha amores, trabalhando...

1877.

ALFREDO CAMPOS.

OS EPITAPHIOS.

Tractando aqui de um assumpto geralmente grave, nem temos em vista fazer derramar as abundantes lagrimas do leitor sensível, nem tam pouco tentamos agradecer com as doces creanças que cada qual agasalha interiormente.

O epitaphio é a litteratura dos tumulos; e, como tal, sujeito ás observações universaes da critica. E' debaixo deste ponto de vista que o encaramos; e, posto que empreguemos um methodo apparentemente pouco reverente com as fragilidades do proximo, nem por isso o fim que nos propomos é menos humanitario, grave e honesto.

Outr'ora a faculdade de gravar sobre uma lousa as ideas tam contingentes dos interessados era privilegio da classe aristocratica, que aproveitava aquelle annuncio extremo para vangloria sua, e parvo acatamento e assombro da burguezia fanatica. Actualmente, porém, no codigo das liberdades modernas existe um capitulo que diz respeito á liberdade do epitaphio.

Requer-se apenas que elle seja reverente, redigido n'um estylo pezado com pretensões a eloquente, e banal com phrases philosophicas, da philosophia contestavel do orgulho. Isto, que está a cargo do municipio, devia, quando muito, corresponder a uma postura da camara; mas a vaidade deu-lhe fóros de litteratura universal, sujeitando assim o epitaphio ás leis geraes do senso commum, e ás exigencias da grammatica.

Contestamos, porém, que a inscripção tumular satisfaça o fim que se propoz, e podemos affirmar — que a maior parte das vezes nem é philosophica, apezar do grosso estylo necrologico, nem racional, nem sincera, apezar do sentimentalismo que se esforça por traduzir. Só uma dôr pungente, uma saudade immensa e vasta, como a luz, pôde manifestar-se eloquente nos quatro versos de um epitaphio verdadeiro; mas quantas vezes é a indifferença, o interesse, a vaidade o ultimo estylista dos sepulchros!

A fórma architectural do tumulo, do mausoleo, e o estylo da inscripção são dois graves obstaculos com que os sectarios do «todos são iguaes perante a morte» devem arrostar sem vantagem, a não ser que quizessem exprimir com esses termos um factio banal e frivolo. A' medida que o rendilhado do marmore, é mais

sumptuoso, que a obra d'arte é mais completa, o epitaphio vae perdendo em idea o que vae adquirindo em doirados arabescos, e chegamos muitas vezes a encontrar nos grandes cemiterios, com foros de passeios publicos, em logar do monumento da afflicção e da saudade, o palacio pezado de granito e oiro que os argentarios construíram para os seus aristocraticos ossos. O epitaphio transforma-se então em *etiqueta* e entra nos dominios da hieraldica.

Na vasta escala que parte da valla-commum ao mansoleu, da cruz pintada em alguns pontos das antigas estradas, do combro de pedras, encastellado pela fé dos viandantes até ao monumento da sumptuosidade e do orgulho, o epitaphio toma varios estylos; é ás vezes superficial, frivolo, outras, mais raras, é tocante, afflictivo, eloquente; aqui ridiculo, interesseiro, annuncio do architecto que levantou o plintho, ou a capella de gosto protestante; alli a lamentação fingida de um viuvo; acolá a commemoração historica de um guerreiro, de um martyr, de um sabio.

Na Grecia antiga eram colocadas á beira dos tumulos columnas de inscripções em verso, relatando os feitos dos heroes, as virtudes e as nobres acções dos finados. Os amantes gravavam á cabeceira dos entes que dormiam nas trevas a ultima phrase que a sua paixão proferia, e a historia descreve-nos algumas verdadeiramente graciosas e tocantes. Um epitaphio dizia assim:

«Eu hei de amar-te sempre, mas tu, entre os mortos, não bebas, peço-t'o, na taça que te faria esquecer dos teus queridos amigos».

Sobre o tumulo de uma criança escreveu alguém: «Terra, não pezes sobre ella: pezou bem pouco sobre ti».

Ordinariamente os epitaphios gregos eram breves e eloquentes, como o deviam ser as phrases d'aquelles espiritos classicos. Sobre o tumulo de Archiloquo gravaram as seguintes palavras:

«Viandante, aproxima-te em silencio do tumulo de Archiloquo, para que não dispertes as abelhas que dormem no seu sepulchro».

O epitaphio de Eschylo, o grande poeta guerreiro, é igualmente simples: «Aqui jaz Eschylo, filho d'Euphorion, nascido na Attica. Os persas e as florestas de Marathon attestam o seu valor».

Em Sparta só a coragem patriótica podia ganhar as honras de um epitaphio; e segundo Plutarco, uma lei de Lycurgo permittia inscripção tumular apenas aos guerreiros, mortos no campo da batalha e ás mulheres mortas de parto.

Como espécimen do primeiro genero todos, mais ou menos, conhecem o das Thermopylas :

«Viandante, vae dizer a Sparta que perecemos aqui para obedecer ás suas leis».

Entre os epitaphios, relativamente modernos, dos mais eloquentes lembramos dos seguintes : no tumulo Mercy, depois da batalha de Nordlingen—

«*Sta, viator, heroem calcas !*»

Detem-te viandante, pizas um heroe !—o do principe Tessino, o venturoso, mandado gravar por elle mesmo : — *Tandem felix !*

O epitaphio é tambem algumas vezes a ultima ironia, lançada pela critica, por exemplo : M. de la Riviere, bispo de Sangres, legara cem escudos a quem lhe fizesse o epitaphio. Um dos pretendentes escreveu o seguinte :

«*Ci-git un très-grand personnage,*

Qui fut d'un illustre lignage,

Qui posseda mille vertus,

Qui ne trompa jamais et qui fut toujours sage...

Je n'en dirai pas davantage ;

C'est trop mentir pour cent ecus.

Comberville, segundo Ratisbonne, fez o seu epitaphio, dizendo — «Se o meu nascimento é obscuro, a minha morte ainda é mais»

Sterne escreveu o seguinte no tumulo de uma falladora :

«*Aqui jaz fulana de tal
no dia 10 d'agosto de 1764
CALOU-SE.*»

Um quidam de Florença gravou n'um mausoleu :

«*Questa sepoltura la fece fare Arlotto
per se e per chi ci vuole entrare*»

Quer-nos parecer que Arlotto ainda a esta hora estará desacompanhado.

Os cemiterios das nossas aldeias, principalmente os das povoações da costa, são tambem verdadeiras collecções no genero anthologico, e bom seria que os municipios se lembrassem de corrigir algumas inscripções funerarias, para que os visitantes não se vejam forçados a rir em taes logares.

EMYGDIO D'OLIVEIRA.

REVELAÇÃO

(A G. M. G.)

Senhora ! Aquelle vulto mysterioso
Que a segue como um cão segue seu dono,
Aquelle *monge* austero que no outomno
D'um viver opprimido e borrascoso,

Ousou contar-lhe em cartas innocentes
Os tedios de seu peito denegrido,
Sou eu—este bohémio emmagrecido
Pela fome ideal dos maldizentes !—

Ao depôr o capuz benedictino, (*)
Que a fronte me cobria, em seu regaço,
Consinta que eu lhe conte, em breve espaço,
A causa do fradesco desatino :

Eu tive, em pequerrucho, uma creada,
Que era um poço de historias int'essantes ;
Sabia-as de ladrões e de estudantes
Que era de a gente «estarrerecer» pasmada !

Mas a que mais no goto me cahia,
Era a historia de um frade franciscano,
Que por artes do démo, que é magano,
Pillhou a melhor moça da abbadia !

Andava sempre o satyro no enzalço
Da pobre, mas de balde a perseguia ;
—«Sobre ser um casmurro (ella dizia)
E' homem de cordão e pé descalço—».

Convencido afinal (não sei se o diga)
Da triste inefficacia d'homalias,
Deshonra um dia um bom «pater-familias»,
Na manga arrebatando a rapariga !

Se é verdadeiro, ou mentiroso o facto,
Não me pertence a mim averigual-o .
Que cahi na t'lice de imital-o
Como cae na esparrella um pobre «pato».

Foi o caso, senhora, que o destino
(Como quem joga á t'oa a carambola)
Arrancando-me a paz d'uma aldeola,
Onde estudava Goethe e Rosalino ;

Me apresentou na rua lamacenta,
Em que mora um visconde, um boticario,
Um medico, e um sujeito funerario
Que com o mal dos mais engorda e augmenta.

N'esta como ante-camara da morte,
Eu senti-me peor do rheumatismo ;
Soffria de um cruel somnambulismo,
E lamentava a minha triste sorte !

Vae senão quando (ó lucida alvorada !)
Meus olhos inquietos reconhecerem

(*) Allude ao pseudonymo *Fr. Carlos de Negreiros*, usado algures pelo auctor.

Uns olhos feiticeiros, que parecem,
Não olhos de mulher, olhos de fada.

Bem dita sejas tu, ó Providencia !
Mas quem era a visinha encantadora ?
Quem havia de ser, minha senhora ?
Era um anjo de luz !—Vossa Excellencia !

«Se eu a pudesse amar !... Se ella volvesse
«Benignos olhos ao visinho ardente !...
«Mas esta cara antiga e descontente
«Nunca inspirou paixão... que promettesse.»

N'este em meio recorde-me da lenda,
Que a velha me contára em creancinha,
É digo : «E' mui provavel que a visinha
Na manga se deixe ir sem pagar prenda...

Ella é tam pequenina e maleavel,
Que até n'um bolso pôde ser mettida,
—Phantastica visão que erra perdida
Como uma sombra passageira, instavel.»

E acto continuo envergo a fatiota
Que me legára um filho de S. Bento,
Que seria nas letras um portento,
Se não fosse um prodigio na batota.

Occulta no capuz a carantonha,
Cinjo á cinta o cordão ; calço o sapato ;
Disse alguém que eu par'cia um carrapato,
Mas creio que parecia uma cegonha !

E n'este bello estado andei semanas ;
Espantando as indigenas, senhora ;
Os tempos que lá vão, lá vão ; agora
Ninguem receia as mangas franciscanas !

Sorriu Vossa Excellencia do dislate,
Sendo de natural timida e séria !
—«Phantasmas ? Só se fôr o da miseria,
Do resto é tudo «choldra» e disparate—».

O velho Carvalhaes julgou-se monge ! ?
—Visinha, tem razão ! Mas ás velhices
Sempre a gente desculpa as creancices ;
E' cousa que já vem muito de longe.—

E pois que o desenlace do poema
Tem uns visos de farça comesinha,
Partamo-nos em paz, doce visinha,
Chama por nós da moda a lei suprema.

Eu preciso de caldas como os velhos !
Em todo o corpo um certo rachitismo :
Afôra aquelle antigo rheumatismo
Que não me larga os pobres dos joelhos.

Fique Vossa Excellencia entregue a Deus,
E ás suas bellas arias de bravura !
Adeus, fascinadora creatura,
Adoravel visinha, adeus ! adeus !

Porto.

ALFREDO CARVALHAES.

APRECIÇÃO LITTERARIA DE BRAGA

No semanario illustrado de Madrid, publicado com o titulo de *La Correspondencia de los niños*, aprecia-se Braga litterariamente com subidos encomios.

Faz esta apreciação o talentoso alumno do 3.º anno da faculdade de direito da capital da Hispanha, o nosso cavalheiroso confrade D. Frutos Martinez y Lumbresas.—Fal-a por occasião de se occupar da necrologia do fallecido visconde de Montariol aqui em Braga—vulto social do nosso paiz, a quem o escriptor madrileno consagra linhas saudosas de merecidas honras.

Vertendo gostoso da lingua de Cervantes e Ercilla, de Campoamor e Espronceda, para a lingua de Barros e Camões, de Garrett e Castilho, essa apreciação litteraria d'esta capital do Minho ; agradecemos assim publicamente, em nome d'ella e em nome nosso, as expressões lisongei-ras do confrade madrileno, filho do nosso antigo amigo D. Benigno Joaquim Martinez.

Eis-aqui esta versão livremente, com algumas rectificações d'alguns lapsos de memoria, a que fôra levado na rapidez da escripta o nosso novo amigo de Madrid :

«Braga, cidade afamada na epocha da dominação romana, era convento juridico então, concorrendo á sua chancellaria 24 cidades».

«Possue esta povoação antiga uma cathedral memoravel, de que não diz a historia o nome dos constructores primitivos».

«E' um dos templos mais notaveis de Portugal, tanto pela sua ancianidade como pela sua magnificencia».

«Alem d'um filho do rei D. João I, o infante D. Affonso—jazem alli o conde D. Henrique de Borgonha e sua esposa D. Tereza de Castella, com o prelado D. Lourenço Vicente, um dos famigerados lidadores na batalha d'Aljubarrota».

«Distingue-se Braga litterariamente, por ter sido a 3.ª cidade de Portugal, que no seculo XV estabelecêra dentro em si a typographia.—Foi a 1.ª, a cidade de Leiria ; e a 2.ª, a cidade de Lisboa».

«Em quanto á vida jornalistica—thermometro do progresso da civilização hodierna—começou-a Braga em 1836 com a publicação do *Cidadão Philanthropo*, sendo impressos no Porto os primeiros nu-

meros, por falta de typographia para isso ainda».

«Seguiu-se o *Murmurio* em 1856, o *Modesto* em 1860, a *Revista de Braga* em 1862, o *Operaria* em 1871, as *Prosas e Versos* em 1872, a *Republica das Lettras* em 1875, e em 1876 a *Borboleta* ainda em via de publicação, dirigida pelo snr. Dias Freitas. — Não se mencionam senão as publicação periodicas litterarias, de que era impressa no Porto a *Republica das Lettras*».

«Entre os escriptores notaveis que Braga tem, merecem-nos especial menção os snrs. Alfredo Campos e Soares Romeo Junior, como excellentes romancadores — Dias Freitas, Cunha Vianna, e João Penna, como poetas de sublime inspiração, podendo ajuntar-se-lhes como estrella prima do districto a sr.^a D. Anna Amalia Moreira de Sá, applaudida auctora dos *Murmurios do Vizella*: — o snr. Gonçalves Crespo, o respeitavel doutor Pereira-Caldas, e o amador illustre da bibliographia Fernando Castiço».

«Possue Braga tambem algumas bibliothecas, umas publicas e outras particulares. — Taaes são: a dos extinctos Padres Oratorianos no campo de Sanct'Anna, no edificio do lyceu nacional; e a do seminario archidiocesano no campo de D. Luiz I. antigo campo da Vinha, com a do illustrado e distincto prelado na seu paço».

«Entre as bibliothecas particulares, avultam como principaes a do mencionado doutor Pereira-Caldas, e com ella na sua importancia as dos snrs. brasileiro Bastos, Fernando Castiço, e conego Alves Matheus».

«E' esta ligeiramente esboçada — e só ligeiramente — a vida litteraria de Braga, a 3.^a cidade de Portugal, a quem só é superior o Porto em 2.^o logar e Lisboa em 1.^o — como é de consenso geral».

Terminando aqui este esboço rapido, transcripto do illustrado filho do illustrado amigo dos portuguezes — como na Hispanha o entre nós é conhecido D. Benigno Joaquim Martinez; — em nome de Braga e em nosso nome, de novo o repetimos; agradecemos a um e outro os subidos encomios que lhes devemos.

Braga.

Pereira-Caldas.

POESIA

«Quem me dera ser poeta
«E ter uma lyra d'ouro!
«Não trocára a minha lyra
«Por nenhum outro thesouro».

GLOSA

Ai! que virgem tão formosa,
Que mulher encantadora
Me apresenta só agora
Minha sorte caprichosa!
Vejo-a, e logo esta alma idosa
Torna amor=joven facêta;
Amor, forte, grande athleta
Que venceu minha altiveza;
E eu exclamo, sua presa;
«Quem me dera ser poeta!»

Pintaria, Anjo divino,
Essa tua formosura,
E excedera na pintura
Mesmo o Raphael d'Urbino,
Se mais côr, pincel mais fino
Me enviasse o Deus, que adoro,
P'ra cantal-a... só em côro
D'anjos mil notas colhera,
Se escutal-o Deus me dera,
«E ter uma lyra d'ouro».

Estes fervidos transportes
Que me estúam dentro d'alma,
Este mar que não se acalma,
Este amor que vence os fortes;
Esta vida... que mil mortes
Só por ella eu consentira;
Este fogo que me gyra
Soterrado nas entranhas;
Se o dissesse, por estranhas
«Não trocara a minha lyra».

Ai! porém, ai de mim, triste!
Se paixão tão vehemente
Não achar correspondente
Na mulher, por quem existe!..
Dize, dize que sentiste
Dentro d'alma um bom agouro;
Que, inda mesmo porvindouro,
Teu amor é dita immensa;
E eu não dera esta só crença
«Por nenhum outro thesouro».

JOSÉ D'ORNELLAS.